

PERGAMINHO NÁUFRAGO

*Uma Ficção ainda pandémica*¹

Paulo Ferreira da Cunha²

Resumo: A figura do intelectual, por muito caluniada que tenha sido e continue a ser, continua a fascinar. Nesta ficção, efabula-se um metafórico pergaminho numa dessas garrafas lançadas ao mar da sorte pelos naufragos. Aqui, o naufrago é um intelectual preso pela pandemia em teletrabalho doméstico, doente (e decerto hipocondríaco) e desavindo com o mundo, como é normal os intelectuais estarem. Mas talvez o intelectual cumpra a sua função social, e os seus dramas não sejam apenas seus, mas os de todos, ou de muitos, pelo menos.

Palavras Chave: Intelectual, pandemia, confinamento, sociedade contemporânea, cansaço, diálogo, paz, felicidade.

¹ A figura do intelectual que se confessa, com toda a carga dos seus atavismo e preconceitos, merecia tratamento mais sério e mais profundo. Aqui apenas procuramos um contributo ficcional, dando voz a um imaginado intelectual confinado na pandemia, a qual, pelos seus constrangimentos, poderá ter eventualmente tido o condão de o levar a falar. Calou-o tanto, que ele se abriu. No início, de forma um tanto desabrida, só depois tentando tomar as rédeas da razão...

Sabemos como as nossas sociedades valorizam a “proatividade”, expressão já em si pleonástica, e segregam, estigmatizam e penalizam os prudentes e tímidos (Jean Lauand muito bem estudou esse drama do tímido, pior ainda em ambientes que valorizam a simples “participação”). O intelectual nem sempre o será, mas em muitos casos, quanto mais seja produto de marketing e do seu próprio marketing pessoal menos consistência terá. E é natural que os verdadeiros intelectuais se tendem defender de um mundo que lhes é frequentemente hostil, ou, pelo menos, que os não compreende, e menos os valoriza (à exceção de uns tantos, que preenchem, nem sempre com mérito sequer, essa função, no plano público – “o intelectual que se vai buscar para “decoração”). Apesar de continuarem a surgir elogios dos intelectuais, como o recentemente traduzido *Elogio dos Intelectuais* de Bernard-Henri Levy (contudo, datando a primeira edição de 1987), continua cada vez mais a ser atual a máxima de John dos Passos, segundo a qual o intelectual estará uns pontos acima de uma foca amestrada (e lembre-se a cançãozinha de Vinicius de Moraes, a esse propósito: *Quer ver a foca bater palminha...*), mas muito abaixo de qualquer pugilista. Isso em não apenas um país, mas muitos. E se se trocar a atividade social desportiva, por outra mais difundida, mais ainda o autor norte-americano de ascendência lusa tinha razão. Há outros desportos e espetáculos que rebaixam o intelectual mais pontos ou furos ainda. Por isso, pareceu-nos interessante escrever uma carta-ensaio (o género ficará para os classificadores) em que um intelectual do nosso tempo, não livre, mas assalariado, não *blasé*, mas empregado (ele pode ser um burocrata, um professor sobrecarregado pelas aulas em espelho e afins da pandemia, tanta coisa...), com os seus rasgos de crítica e autonomia do pensamento, mas soçobrando ao peso das suas circunstâncias (aqui sim, no plural. Ortega y Gasset é que cunhou um conceito parecido, mas no singular... obviamente o novo-riquismo apropriador e baralhador, usa sempre e só o plural, e nunca leu o autor da *Rebelião das Massas*), numa sociedade com que não se identifica, mas que o marginaliza – a ele e a muitos mais. Os traços psicológicos não são detidamente esquiçados. Quisemos deixar o tom de grito, de garrafa de naufrago, que ao mesmo tempo não consegue prescindir de referências mais ou menos eruditas. O texto saiu um pouco *currente calamo*, com naturalidade e um conhecimento ao mesmo tempo de adesão e de repulsa: na medida em que é, para nós, ao mesmo tempo uma personagem simpática (uma espécie em extinção, na sua versão mais íntegra) e antipática (por vezes, dá a ideia que é um desperdício haver pessoas tão conhecedoras (não me atrevo a dizer “sábias”, porque por vezes são até néscias e néscias contra o seu próprio bem e interesse) e tão ingénuas e passivas – ou ativas em coisas improfícuas... Deixo aos especialistas na classificação de David Keirse mais agudas observações. Este estudo complementa o nosso anterior *Pharmakon*, na nossa literatura da pandemia. Ela não acabou.

² Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça, Portugal. Catedrático da Faculdade de Direito da Universidade do Porto (funções suspensas para exercício da magistratura).

Abstract: The figure of the intellectual, however maligned it has been and continues to be, continues to fascinate. This fiction is a metaphorical parchment in one of those bottles thrown into the sea of life. Here, the castaway is an intellectual trapped by the pandemic in domestic telework, sick (and certainly hypochondriac) and falling out with the world, as is normal for intellectuals to be. But perhaps the intellectual fulfills his social function, and his dramas are not just his own, but those of everyone, or at least of many of us.

Keywords: Intellectual, pandemic, confinement, contemporary society, tiredness, dialogue, peace, happiness.

(...) *mas face a uma doença de que
ninguém jamais sofreu, ninguém se previne.*
Aristóteles, *Retórica*, I, 12 (1372 a).

I. Trabalho, Doença e Cansaço

Submerso numa carga de trabalhos como nunca tinha conhecido, só semelhante ao peso invencível de uma bigorna sufocante sobre mim. Tendo estado doente, no decurso desta fase, várias vezes, e não pouco nem levemente apenas. Acometido com as tormentas da pandemia e confinado em casa, a trabalhar sempre.

Durante o império mais duro do vírus, nem sequer me dei ao luxo de visitar a minha varanda mais que um par de vezes (sim, mesmo duas, não mais que isso). Nunca descii ao jardim. E, mesmo assim, varanda só durante uns brevíssimos minutos (dois ou três no máximo – tudo como se fosse cronometrado). A vitamina D desceu para níveis terríveis, dizem que perigosos. Eu pouco tinha ouvido falar de vitamina D, até então... Vago álibi para alguns tostarem ao sol. Pois olha...

Sentia, e ainda sinto, uma intolerável, demencial, ardência nos olhos, falta de ar, opressão por vezes no peito, dores de cabeça pesadas e constringentes, paralisia quase numa perna, problemas do foro renal, níveis de açúcar inimaginavelmente altos, tensão arterial em vertigem... Devo estar a esquecer-me ainda de alguma. Uma enciclopédia médica ambulante de maleitas.

E um cansaço imenso, enorme, invasivo, como aquele feitiço petrificador de Harry Potter. Como é? *Petrificus totalus*... Cansaço amalgamado com descrença, desilusão, mais que medo, verdadeiramente. O medo ainda nos traz despertos, e alerta, em princípio, a menos que seja também petrificador. Aqui não: é um sumir-se, um apagar-se. Ao ponto de o sono ser bem-vindo. Mas, por vezes, uma branca insónia apenas: um estar desperto só para não conseguir conciliar o sono.

Esse cansaço metafísico, com repercussão nas dores de cabeça, formaram uma sintonia persistente, um estado de alma. Cansaço metafísico, muito para além da simples condição física. Dores de cabeça paralisantes, desde logo da função essencial da racionalidade humana, parêntesis da própria humanidade, que tem de ser ativa, desperta e intelectualmente pensante. Mãos do génio do mal do sonho infantil, do pesadelo, de que falava Leonardo Coimbra. As fontes envenenadas (metáfora do vírus) e as mãos do monstro (esse um outro, inominado) a comprimirem a cabeça. E o monstro a rir-se de nós, enquanto nos formata o crânio.

Falo da saúde primeiro, porque dela tudo depende. Como dizia Mirabeau, *pour faire quelque chose ici-bas, et surtout le bien, la santé est le premier des outils*.

II. Aturdimento, Mentira, Conspiração, Mediocridade

Dos ecos que vinham lá de fora surgia, antes de mais, aturdimento. Reino das mãos de monstro, pressionando a cabeça – império de *fake news*, de negacionistas, “chalupas” como lhes chama o programa televisivo humorístico “Do Contra”. Ao ver na televisão, em várias cidades do mundo, sobretudo na Europa, milhares de pessoas, sobretudo jovens, sem máscara, sem distanciamento social, sem vacina, presumivelmente, em multidão marchando e gritando *slogans* pelo alegado “direito” de poder contaminar os outros, pelo seu egoísmo, a que chamam pomposamente “liberdade”, sou invadido por sentimentos sombrios. É isto, a que chamam “Liberdade”? Mais parece o prelúdio populista para que surjam ditadores que, com mão de ferro, cavalguem a onda de contestação às necessárias medidas sanitárias das democracias, e, primeiro apoiando o desvario anarquizante, depois o sufoquem *a torto e a direito*, e imponham, aí sim, medidas draconianas de contenção.

A menos que (esse o cenário surrealista e dantesco) os candidatos a ditadores sejam também eles convictos negacionistas, e de tão crentes no *laissez faire, laissez passer*, esperem que a selvática seleção natural também se exerça pela abstenção sanitária. Deixando, assim, o vírus com terreno livre.

Tudo é possível (o incrível é que tudo passou a ser possível) quando as sociedades não se robustecem antes de mais com equilíbrio, sentido crítico, e conhecimento. Hoje uma enorme barreira entre as pessoas e entre a liberdade e a opressão é acreditar ou não na Ciência. E mais: na lógica, na razão, no bom senso. Há pessoas formadíssimas que têm raciocínios tortuosos, acreditam em causalidades estranhas, bizarras mesmo. Não admira que, quando forças poderosas venham bombardear os espíritos com propaganda, alguns claudiquem facilmente, e sejam depois arautos das teorias mais insólitas.

Quando eu era criança, cabia na cabeça de alguém que um adulto pudesse defender o criacionismo ou o terraplanismo? São teses de origem e tipo muito diverso, mas ambas eram, creio eu, indefensáveis há 50 anos... Como regredimos!...

Mas o ambiente não ajuda. A confusão entre o sério e o mistificador não é hoje discernível por muitos, já educados na ficção televisiva e dos jogos de computador. Na comunicação social e redes sociais, continua o cortejo de muitas mentiras, meias-verdades, mistificações e promoções fátuas e artificiais, assim como denegrimientos fortuitos, e todo um cortejo de lixo e mediocridade e mentira... Assim dito, parece pouco e lugar comum. Mas contactar com as notícias do mundo e ver sobretudo guerras de Alecrim e Manjerona, vaidades contra vaidades, mentiras e novas mentiras, nada (ou quase nada) que eleve o espírito e conforte a alma, isso é um exílio de uma Pátria maior. Pessoas como eu ainda tiveram, por esta ou aquela razão, oportunidade de antever valores alternativos a estes. Mas receamos que haja muita, muita gente, que vive numa caverna e obviamente estranha qualquer luz natural que se lhe proponha.

E depois está o isolamento pandémico para quem tenha cuidado. Há quem não consiga, por exemplo, suportar a máscara, que logo abafe. Porém, comunicações virtuais apenas com alguns são possíveis. Comunicações necessariamente fugazes e imperfeitas. Sem teoria da conspiração: sabe-se lá quem vai intercetar as comunicações! As tecnologias hoje permitem tanta coisa, a simples amadores intrometidos. Quem as vai receber, depois deturpar, deformar, espantar... Cuidados, a princípio, nas afirmações mais contundentes. Depois, cansaço da contenção. Mas nem sempre. Por vezes, uma imprecisão: falando como se escutas ouvissem, falsamente ironizando, invocando-as até... Interlocutores decerto pouco à vontade com isto: entre o divertido e o preocupado.

A pandemia, com o isolamento das pessoas, mas com o ativismo desenfreado de outras nas redes sociais, é também propícia, por um lado, ao esquecimento de contactos, e, por outro, às intrigas, às falsas amizades que se invocam sem grandes hipóteses de verificação com os visados. Um ativista com todo o tempo do mundo, nesta crise, se tiver algumas habilidades informáticas, pode causar alguns estragos, sobretudo se não tiver escrúpulos, contando com a ingenuidade de muitos. Em ambiente internautico há pessoas que caem com facilidade em armadilhas. A intriga já é muito pífida ao vivo. Agora, mediada pela *Internet*, parece ainda mais pífida.

O ambiente é pesado: envolvendo tudo, litânias de teoria da conspiração, lutas fingidas, intolerâncias de morte, e muita inconsistência, e muita propaganda, e muita, muita vaidade... Vaidade de gente tão fátua, tão pequena, que o ridículo se agiganta e nos envolve numa ribombante gargalhada. Que eles /elas não ouvem, nem sequer suspeitam... E, obviamente, as motivações humanas de sempre, nada humanas nas valorizações humanistas. Bem mais primárias.

Tudo tão simples, tão elementar, tão consabido. E, todavia, há ainda pessoas que acreditam em manipulansos e em ingenuidades. E há uma endémica necessidade de acreditar, e louvar, e seguir. Hordas panúrgicas. Sloterdijk (em *Tens de mudar de vida*, título que nada tem a ver com autoajuda) chama a atenção para a necessidade de “matar a marioneta” em cada um de nós, porque, mais que demónios, são automatismos que nos ensombram. E um deles (dizemos agora nós) é o seguidismo de pseudovalores. A mania do líder é inculcada por todo o lado. Fica-se com a falsa ideia de que são os chefes, por si só, e quanto mais tirânicos melhor (a democracia seria só um *décor*), quem salva os países. Mas não é de líderes e muito menos de salvadores que necessitamos, mas de equipas de excelência, trabalhando em conjunto para o bem comum (sobre isto, gostamos de recordar Ana de Castro Osório, no seu *A minha Pátria*, não há muitos anos reeditado).

Mesmo pessoas cultas entronizam ídolos. Os que estão disponíveis, por perto. Não indagam do que valem. Precisam de um totem. Agitam-no, veneram-no, para se tranquilizarem, e apaziguam-se quando o vão brandir, no *Ersatz* de ágora, contra os outros, armados de outros totens.

São praticamente três anos de aturimento, de dificuldade em ver claramente, uma espécie de bolha, de nuvem muito cinzenta em que me sinto envolvido, com ecos ao longe, muito ao longe, de coisas boas, bonitas, verdadeiras. Sobretudo da infância e da adolescência e da mocidade... todas perdidíssimas... e irrecuperáveis. Mas também alguns momentos altos e doces da idade adulta, também eles desaparecidos, assomaram em saudade à memória. Só que simplesmente memória. Tudo muito ausente, tudo muito distante. Memórias nem sempre só idílicas, de verdes prados arcádicos, memórias também de grandes ideais, grandes lutas, mas sempre com o elixir da longa vida do acreditar e da genuinidade emprestada a causas.

Quantas delas hoje pálida imagem de si mesmas... Preocupação com os jovens que não conheceram o mundo menos tecnológico, mas mais natural, mais autêntico, com muitas coisas negativas, algumas negativíssimas, mas em que havia empenhamentos sérios, honradas posições, ativismos sólidos e não calculistas. A descrença num futuro melhor para todos reforça o egoísmo, o individualismo. Muitas crianças e jovens são ditadores de pais, avós, tutores, padrinhos... a quem chegam a matar, torturar e profanar os cadáveres se não lhes satisfizerem os caprichos. No geral, furtam e insultam. Muitos não se apercebem destas realidades, apesar do jornalismo sensacionalista. É curioso que ao mesmo tempo que muitos temem não se apercebem das consequências sociais e morais daquilo que receiam, em grande alarme até. Como que esse medo os paralisa, e paralisa antes de mais o pensar.

III. Incomunicação

Dificuldade indizível em contactar certas pessoas. Mais do que seria provável, mesmo na pandemia. Telefones que não ligam (como é desesperante ver que há lugares em que sempre mudam os prefixos ou sabe-se lá que mais, ou que há pessoas que nunca atendem), *Internets* que caem, caem sempre, Correios – oh, os Correios – que não existem, quantas vezes, quando são tão precisos. Tenho tido certamente azar: aparentemente, perdem-se-me livros, preciosos emissários, complica-se cada vez mais a forma de expedição para fora da Europa, que além do mais encarece. Burocracia, demora, aumento de preço... Indizíveis, os Correios, instituição que tanto era estruturante do País e da sua ordem e fluxo de comunicação, e de que, por este caminho, terei que aprender a prescindir... Creio que muitos já o estarão a fazer. Recebo cada vez menos Correio, também. Em 23 agosto de 2020, Pacheco Pereira escrevia na revista “Sábado”: “A privatização dos Correios, uma empresa pública que dava lucros, foi e é o desastre que se sabe. A menos de 100 quilómetros de Lisboa, a menos de uma hora de carro, o correio é irregular, com vários dias sem distribuição, atrasos enormes e, de um modo geral, dificuldades para aceder aos serviços.” (*Silly season*). Mas fico com a impressão que não são só os Correios nacionais.

Vida, pois, em redoma insensível, com uma surdez à música (só há poucos dias voltei a ouvir música: como é possível a contradição? Talvez porque ela faz irromper alguma verdade na bolha... se for música e não ruído de aturdimento, que muitos confundem com ela). Obviamente, tempo de mal-entendidos. Pessoas que se magoam, que se dizem (ou sentem) feridas no orgulho, consideração e respeito, que se queixam de que não telefonamos, ou que, telefonando, falamos pouco. Pessoas que se lamuriam, em nós, da pandemia. E das agruras consequentes de emprego e de família, e de sei lá que mais. De tudo. E Pessoas que queríamos, queremos, ajudar, mas que recusam a ajuda, ou porque o orgulho se agigantou, ou simplesmente porque, também elas na sua bolha, não entenderam que há uma qualquer boia, ainda que pequena, que lhes tentamos lançar. Não entendem, não quererão entender? E certamente outros tentam fazer o mesmo por nós – e nós não respondemos, não correspondemos. Acredito que também haja falsas solidariedades, falsas amizades, falsas empatias. Enquanto algumas das verdadeiras se apartam, se desvanecem. Isso é muito triste, quando se para e pensa. Espera-se, contudo, que as mesmo verdadeiras acabem por resistir. Tudo diferente, ainda que, em muitos aspetos, com uma sinistra mesmidade com o que era antes. O mesmo no seu pior? Ainda não. Pode ser muito pior ainda...

Não sei se acreditarão na minha boa-vontade. Eu tinha e tenho boa-vontade, boa fé, no trato geral com as pessoas. Mas alguns veem apenas o que querem nas ações dos outros. E chegam a imaginar até o que nunca ocorreu. Além de esquecer o que se passou e passa. Este é um tempo de onirismo. Será que alguns passaram estes anos apenas a sonhar? E o pior é que podemos ser parte dos seus pesadelos. E agora, com um pouco de desconfinamento (ou muito – até que de novo tenhamos que confinar?), esses sonhadores acreditam que os seus sonhos ocorreram, e dialogam com os fantasmas dos seus sonhos como se eles realmente fossem as pessoas de carne e osso que agora encontram. Pobres alucinados. O problema é das pessoas reais que vivem nos sonhos dos que confundem realidade virtual com o mundo a sério, imaginação e sonho com a realidade palpável. Há pessoas que, acordando de um sonho vívido, por momentos não sabem em que lugar estão: se no sonho, se na vida desperta. Certamente há quem permaneça acordado, mas uma parte significativa de si ainda esteja presa no seu pesadelo, ou nas delícias do seu dormir. Há um sonambulismo social a estudar melhor. E não só a estudar: certamente que é necessária, pelo menos para alguns, certa defesa. Porque os sonâmbulos podem dizer e fazer coisas que não fariam em estado de perfeita clarividência de vigília.

Claro que este texto também pode ser muito mal interpretado. Tentei, pelo menos, manter a lucidez. Trabalhei loucamente. Continuo a trabalhar loucamente. Essa é agora a minha condição, mais do que nunca. Mais que condição, creio que se está a tornar, perigosamente, na minha essência... E obviamente que uma tal essência falseia a perspectiva. Mas, pelo menos, não sonho acordado. A não ser no sentido metafórico de ainda em mim poderem permanecer réstias de vontade de uma felicidade geral.

IV. Parar para pensar

Parando agora dessa cavalgada imparável, por minutos apenas, que me permitam escrever este texto, pergunto-me sobretudo o que ando a fazer. O que ando a fazer com a minha vida. O que posso ainda esperar da vida.

Envelheço. O tempo na ampulheta vai-se esvaindo, como o sangue se perde... Mas não se sabe quanto falta ainda. Coisa óbvia, mas em que só se pensa em certos momentos, ou a partir de certa idade. Parece ser um sinal de alerta. Porém, comparado com a angústia que alguns experimentam com o envelhecimento, creio que estou a encará-lo muito bem. Racionalmente. Mas já fui tirar da estante *De Senectute*, de Cícero...

Se este período de interregno me permitiu pensar que muito do que fiz antes não terá tido grande sentido (pelo menos na forma como encarei certas atividades: sem obviamente renegar os resultados em si), porque me focalizou, desfocando agora o que era a minha vida anterior (nisso a bruma atual foi elucidativa), certo é, porém, que o que faço agora levanta muitas interrogações. Sinto que tudo acabou por se desenraizar muito. Faltam âncoras, faltam raízes (tenho de ler Simone Weil, *O Enraizamento*)... Tudo parece poder desabar de um momento para o outro.

E, contudo, olhando um pouco à distância, sei muito bem o que me funda, e perante certos desafios mais perturbadores, recorro invariavelmente a uma espécie de plenitude ontológica das minhas respostas: todas as lacunas podem ser integradas pelo corpo de valores que assumi, e que sinceramente (chame-se-lhe o que se quiser, não tenho complexos) acredito serem “os” valores. E é por isso que acho que o multiculturalismo desagregador de valores está errado, e deve ser combatido: o canibalismo, a mutilação feminina, a escravatura, a tortura, o casamento de crianças, sabe-se lá que mais práticas chocantes e criminosas, são erro, não apenas folclorismo local ou direito de cada grupo ter as suas tradições. Na Europa, também algumas tradições foram combatidas e tenta-se (e espera-se) que erradicadas. Não tenho muita paciência para com intelectualismos que, a coberto de excelentes princípios, como democracia, pluralismo, direitos, etc., querem, desde logo, limitar a universalidade dos Direitos Humanos. Os Direitos Humanos não são eurocêntricos, são universais, como tem sublinhado Yadh Ben Achour (ele, que está a dar este ano um curso no Collège de France), e é preciso que os Estados cumpram os seus compromissos internacionais (que aparentemente firmam pensando que são apenas “folhas de papel”), como sublinhou Monique Chemillier-Gendreau, desde logo num incisivo e felizmente já muito citado artigo no “Le Monde Diplomatique”, *Obliger les Etats à tenir parole*. Interesse-me por estes assuntos. Creio que ninguém hoje pode pensar o mundo e a vida sem antes de mais se comprometer com a dignidade das Pessoas, e essa, hoje tem um nome: Direitos do Homem. Alguns os defendem hipocritamente, apenas. Mas é preciso uma sua defesa coerente. Não uma sua defesa meramente literária, retórica ou jornalística, algumas vezes, até, e cada vez mais, misturando reivindicações recuadas, parcelares, e até injustas ou absurdas com os Grandes Direitos. Lamentavelmente, os

detratores dos Direitos efetivos aproveitam-se dessa amálgama para os desacreditar. Há uma velha lei das Finanças (disse-me um primo que se interessa por essas coisas – nem sei o que se terá passado com ele, nunca mais me ligou): “A má moeda expulsa a boa”. Aqui há uns anos, alguém falava dos “direitos das focas” e da defesa da “honra das sogras”... Hoje as possibilidades de causas que nos afastem das grandes causas é muito maior, e mais bizarra. Lutar contra quem tem peso a mais, quem coma (ou não coma) não sei o quê (e beba álcool, por exemplo), contra quem fume, quem leia certos livros, assista a certos filmes, diga piadas (nas aulas, desde logo), ou fale nelas de História a sério (porque seria politização, e a politização seria anátema – quer-se “escola sem partido” ou “sem surpresas”), use certas fórmulas linguísticas, designadamente para designar outrem, ande de gravata ou com casacos de peles, e com roupas com esta ou aquela dimensão – tudo isto e muito mais pode ser alvo das pretensões censórias de quem interpreta os direitos como direito seu a policiar os outros. *Est modus in rebus*: a liberdade em nada pode ser completamente (desbragadamente) ilimitada (ao ponto de se negar a si própria), mas os limites que alguns lhe querem impor são contrários à essência, à natureza, à Liberdade *tout court*. Contrariam-na no que ela tem de irreduzível.

A situação é séria. Tanto mais quanto muitos acham que esta sanha proibicionista (que não está sozinha) é moda a aderir e poderá ser até progresso civilizacional. Acresce que estes grupos proibicionistas se excomungam escandalizadamente entre si, e o pobre cidadão complacente e bem-comportado fica aturdido com a violência com que se disparam mutuamente anátemas de reacionarismo, ficando obviamente sem saber se a linha a que acabou de se submeter afinal já é também condenável. É uma situação em tudo semelhante às querelas absurdas de teólogos rigoristas e dogmáticos. É preciso laicizar essas polémicas (e atirá-las para os “caixotes do lixo da História”, como ocorreu com as quezílias bizantinas do sexo dos anjos), com um sopro renovador de Liberdade. Parece-me que se deve invocar a Constituição, as Constituições dos diversos países, não para encontrar nelas raízes totalitárias de artigos generosos de igualdade e democracia (o que é um absurdo), mas para preservar o direito à privacidade, o direito a não ser importunado, o direito a ser deixado em paz, o direito a perseguir a própria felicidade, o direito a gerir a sua vida. E limitando os pseudo direitos de *Prima-dona*, de quantos se sentem incomodados pela vida dos outros a torto e a direito e lhes querem impor os seus padrões. Julgo que as pessoas e, desde logo, os partidos e as instituições não reagem muito (ou nada, ou quase nada) porque estão cheios de medo das reações desabridas (eventualmente muito violentas) de alguns fanáticos. Mas até onde o terrorismo minoritário vai continuar a impor as suas contraditórias leis a “maiorias silenciosas”? Por outro lado, compreendo a mentalidade e a sensibilidade de muitos que de tal maneira se sentem acoçados com algumas novidades (passaram a ser graves faltas coisas banais... já nem sabem o que é, para esses outros, crime de lesa majestade) que preferem uma estratégia de avestruz e nem pensar nem falar nessas coisas. A verdade é que a propaganda gratuita a coisas perigosas e graves que é facultada pela comunicação social tem muito contribuído para a fama de ovos da serpente que poderiam ter ficado na penumbra. Talvez alguns nem polemizem com essa panóplia de novos donos da verdade para não lhes darem palco. Se assim for, não se lhes pode apontar o dedo. É uma estratégia...

Ao procurar entender a mentalidade dos proibicionistas, abolicionistas, censores, inquisidores, especiosos teólogos dogmáticos do quotidiano, dou comigo a ponderar reflexões mais gerais sobre a própria maneira de se ser Pessoa, se não mesmo enveredando pela questão (que alguns já aboliram...) da “natureza humana”. Salta aos olhos que não há, quanto à questão da Liberdade, uma única natureza (ou tendência), mas duas. É curioso como nós, que sempre nos colocamos no lugar que

tivemos e temos como sendo o lado certo da História (mas isso é mais subtil do que muitos pensaram), de algum modo nos iludimos quanto à natureza profunda das gentes. É certo que lêramos Rousseau, quando ele, no *Contrato Social*, diz essa frase que arrepia: “de vils esclaves sourient d'un air moqueur à ce mot de liberte”. O autor do *Emílio* remetera antes para a incapacidade das “almas baixas” compreender as mais elevadas. Mas é curioso que esse tipo de dados não nos conseguiram afastar, em geral, de algum otimismo quanto à vontade de Liberdade das pessoas em geral. Cremos que a ideia seria que há pessoas envilecidas, escravizadas, sobretudo vítimas de alienação, e que essas poderão não prezar a Liberdade, mas uma vez libertas, acabarão por sucumbir às suas delícias. E tudo ficaria bem.

Ledo engano. Tudo parece indicar que há dois tipos de pessoas, realmente, e que as Constituições e Declarações de Direitos, ao proclamarem direitos, liberdades e garantias, o fazem apenas para uma parte (evidentemente a melhor, avaliando eticamente) das pessoas. Há pessoas com alma escrava, que efetivamente se ri com ar de mofa à própria palavra Liberdade. E não são apenas aqueles que usufruem do privilégio (o que seria compreensível), são também pessoas exploradas, que acariciam os seus grilhões, que não querem ser livres, e têm raiva que outros o sejam. São mentes e corações limitados e limitadores, psicologias autoritárias, que acham que é natural e até bom a opressão, a desigualdade, tudo aquilo que, para outros, é contrário a uma (vemos agora que ficcionada, pelo menos em parte) natureza humana. Se entendermos esta dicotomia, deixaremos de ter tantas e tantas surpresas, com articulistas e comentadores que parecem cair do céu, agora, de forma mais ou menos explícita a propugnar soluções que parecem vindas de outro planeta. Não. Há realmente quem, independentemente da sua classe, seja contra o Progresso social. E essas pessoas aparentemente não trazem na fronte uma marca de Caim: são iguais a todas as outras, até que tenham oportunidade de se pronunciarem. São também elas que votam, e podem votar por soluções de regresso a regimes antiliberais, antidemocráticos e antiparlamentares, para usar uma tríade que já esteve muito em voga (hoje, dada a metamorfose da palavra liberal e a adesão ao programa iliberal por parte de alguns pseudo liberais, tiraríamos esse elemento da tríade, embora, em termos profundos, continue a ser válido – só para não confundir).

Esta reflexão sobre as Pessoas em geral foi para mim uma descoberta algo devastadora. Ao falar com alguém, hoje (por videoconferência, o que é raro, aliás), por vezes, dou comigo a pensar se estou perante as pessoas que acham que nascemos livres e iguais, ou que estão persuadidas que nascemos escravos e desiguais. São naturezas diferentes, não são?

Não quer dizer que as personalidades autoritárias (chamemos-lhes assim), quer dos que mandam, quer dos que parece quererem muito apenas a tranquilidade do obedecer (“se soubesses quanto custa mandar gostarias mais de obedecer toda a vida” – era um slogan do Estado Novo afixado até em escolas), sejam pessoas intrinsecamente “más”. Como é normal, são pessoas com traços simpáticos e antipáticos, a uns e a outros, com rasgos melhores e piores. Pode haver até almas escravas de grande simpatia e dedicação, e, pelo contrário, pessoas dedicadamente votadas à Liberdade com génios irascíveis, insuportáveis. A Liberdade por vezes também engendra pessoas muito egoístas, podendo levar ao excesso da chamada libertinagem.

Mas há vícios privados e virtudes públicas. O exemplo de Mirabeau, dado por Ortega y Gasset (em *Mirabeau ou o Político*), é interessante e eloquente, revelador. Mirabeau não era recomendável privadamente. Mas há quem pense que a sua ação política (torpedeada por muito inimigos invejosos, aliás) poderia ter virtudes. Não interessa, obviamente, o caso pessoal de Mirabeau. Interessa é a teoria. Não se pense

que não se pode ir tomar um café com um autoritário. Há alguns que são até complacentemente simpáticos... E não se pense que um amigo sincero da Liberdade nos cumprimentará sem nos conhecer se o saudarmos, na rua, cheios de enlevo e admiração pela sua luta... A máscara poderá ser um álibi, aliás. São, porém, casos limite. Em geral, parece que as pessoas que acreditam na tríade da revolução Francesa deveriam ser mais conviviais, mais solidárias...

Estes tempos, talvez por afastarem fisicamente as pessoas, em geral, fizeram esboroar laços, ou melhor: trazer à luz do dia que esses laços realmente não seriam tão fortes como pareciam. E não só laços entre pessoas, como entre pessoas e coisas, pessoas e atividades. Quicá pessoas e convicções. Porém, essas ruínas provocadas em laços não podem ser irreversíveis – embora nalguns casos tenham propiciado *metanoias* libertadoras. E por detrás dos laços estão, devem estar, raízes.

Talvez se tenha descoberto que não se pode pedir demais de nada, nem de ninguém. *Nemo dat quod non habet*. Em pijama e pantufas no seu teletrabalho (quando não implique imagem), rodeado das crianças (ou mesmo sem filhos), o executivo ou a executiva, amanuense, docente, ou quem for, é uma personagem apoucada na sua existência, ou recuperou a sua dignidade, por maior autonomia? Não discuto, talvez possa haver uns e outros casos. Creio que certamente os haverá. Mas é uma personagem diferente, que tem de ser analisada. Apenas aqui a pressupomos, sobretudo na medida em que de algum modo também partilhamos do seu modo de existência.

V. Elogio e Bom Uso do Cansaço

O poeta é um fingidor, diz o poema de Pessoa. Acabrunhado com o cansaço físico e mental que me domina, como bom fingidor (extrapolando, evidentemente, do dito pelo autor da *Mensagem*), decidi escrever sob a clave da *síndrome do limão doce*. Vamos ver se alguém me acredita. O escritor parece ser o primeiro a querer convencer-se. Vamos lá...

Não se venham queixar do cansaço. O cansaço tem enormes vantagens.

As pessoas já não aguentam. E não falo do cansaço da pandemia, que é cansaço de fracos. Como se pudesse cansar ficar em casa e lavar as mãos... Falo do cansaço com o trabalho duro, infinito e sufocante e com todas as demais agruras extenuantes da vida, pública e privada. Sujar as mãos é que cansa. Andar ao sol tórrido e à chuva fustigante. Isso cansa.

Mas (que queremos?) as pessoas andam cansadas.

Já não suportam, além de labores impiedosos (embora alguns não aguentem nem trabalhos leves), a repetição infundável de algumas récitas, de alguns discursos, e sobretudo de sermões e ladainhas justificadoras ou impositivas. Certamente já não toleram nada disso. Quem diz palavras, diz atos. Sempre os mesmos erros, os mesmos tiques, as mesmas manias, as mesmas rotinas, a mesma coisa. A incompetência, por exemplo, cansa muito quem a sofre. Cansará quem é incompetente? Se tiver consciência, certamente que sim...

Está-se farto. Pronto. E ganha-se, então, não propriamente força para acabar com a enorme maçadoria sempre igual e sem fim, mas algo um tanto diverso. Adquire-se como que uma renovada natureza. Por ela, em sua consequência, não resta alternativa a não mais pactuar com aquilo, seja o que for. Pode ser tudo, ou quase tudo, numa vida... E se uns abominam a rotina, outros cansaram da variedade. Se

sopra o vento contra o cansaço, e pela mudança, e se esse vento é consistente, é *pagar para ver*.

Quando esse cansaço de fim de linha eclode, é hora de transformar, e nem sequer por um motivo profundamente interior e fundamentado. O que seria consequência decidida de uma opção, o que traduziria uma vontade, o que se consubstanciaria, assim, numa atitude, não passa de algo afinal muito maior e mais forte: uma inevitabilidade. E “o que tem de ser, tem muita força”.

Acabar com uma situação de asfixia é inevitável. O único requisito é poder haver materialmente uma porta, uma janela, uma saída. Se não houver, é a morte. Se houver, a libertação.

Não é, repetimos, sequer, uma opção. Quem está com falta de ar não opta por procurar um espaço livre. Tem de o fazer, é uma questão de vida ou de morte. Não há, aqui (salvo numa forma residual, que implica a opção hipotética pelo suicídio), livre arbítrio, há o arbítrio dos factos, que são inevitáveis. E temos uma propensão natural para a sobrevivência. É um dos primeiros direitos naturais.

Há maçadas, vamos dizer-lhes mesmo o nome, há “chatices”, constrangimentos, atrasos de vida, torturas mais ou menos finas, para as quais nem a paciência mais beneditina consegue exercer-se mais que um certo tempo. Pode ser um tempo dilatado, mas chega a hora em que não se suporta mais. E há uma necessidade imperiosa de o paciente se libertar do fardo. Não consegue esperar mais. Está exauridamente cansado.

É um problema de higiene e de sobrevivência pôr termo a maçadorias e aflições desgastantes ao ponto de serem dementadoras, e até conformadoras da pessoa, atentatórias da sua dignidade, etc. Basta!

As pessoas deveriam ser ensinadas, desde os mais verdes anos, que é um direito natural e potestativo de cada um ver-se livre da opressão, do tédio, da miséria, da perseguição, e que o cansaço perante tais situações é um excelente sinal de alerta. Como dizia Brecht, *Recht ist deine eigene Verteidigung*.

O cansaço é despertador para mudar de vida. Mas tem mais funções, e também positivas, muitas vezes. É preciso fazer um bom uso do cansaço. Desde logo, descansando. Quem não aprende a descansar com o cansaço, precisa de acompanhamento. Precisa, pelo menos, de bom conselho: descanse!

Esta é a regra elementar. Mas há mais.

Padecendo de doses excessivas de cansaço, perde-se a noção de algumas conveniências, e não se consegue ser posticamente obsequioso. As adiposidades de excesso de simpatia, caem, dir-se-ia que se fundem... É como quem não tem tempo: não pode cirandar em salamaleques, deve restringir-se ao essencial. Reciprocamente, quando se vê alguém em muitas diligências de cortesia, bajulando uns e outros, aparecendo muito nos lugares convenientes, pode presumir-se com bastante segurança que não tem muito de importante e vital para fazer, e está folgado, não cansado. A figura do untuoso, sempre sorridente (desse sorriso que lança uma passadeira vermelha), curvado bajulador tem sido objeto de análise, desde a Antiguidade. Há sobre a matéria um belíssimo texto de Plutarco. O grande problema é que, na nossa sociedade de narcisistas, os bajuladores têm grandes hipóteses de ludibriar melhor (porque os seus alvos estão mais desprotegidos) e subir mais alto e mais depressa, como menos hipóteses de serem desmascarados. Só graças à bajulação, ou à corrupção e outras trocas de favores é possível entender certas situações, de patente mediocridade tão doirada e famosa... Ou então, temos de acreditar na mais caprichosa *Fortuna*. Cada um creia no que lhe convier... ou à sua maneira de pensar.

Voltemos ao cansaço, que nos não larga. O teste da inutilidade ou da completa gratuidade avalia do cansaço. Quem só faz o estritamente necessário, ou é um avarento da ação, um abúlico ou quietista, ou está cansado.

Fica-se até, ainda, com uma ideia mais relativizada do perigo, como ocorre nas trincheiras em que, exaustas, as sentinelas acabam por adormecer, alheias à situação em que se encontram.

Em geral, com o cansaço, dentro do cansaço, cria-se habituação ao perigo e a todos os males, e desprezo até pelo supérfluo. Com cansaço, obviamente não se esfalfam as pessoas sãs (há sempre maníacos que se obstinam nos seus objetivos até caírem) em excessivas tarefas de limpeza ou arrumação (ou mesmo no seu trabalho normal, seja qual for), que curiosamente são, para certas pessoas, o alfa e o ómega das suas vidas. Pessoas não cansadas por natureza, em busca de canseiras, que as preencham?

A desarrumação parece ser um certo sinal de criatividade e até de inteligência – dizem alguns. Mas também o é de falta de tempo e cansaço. E a prova é que alguns grandes desarrumados, além de saberem onde estão as suas coisas no meio do aparente caos, em férias acabam por se dedicar, com calma, a arrumar... com tempo e descansados. E, contudo, comprei um livro de autoajuda de arrumação da especialista Maria Kondo: mas não sei onde o coloquei... nem me lembro do título.

Mais consequências do cansaço: esquecem-se compromissos marcados e perdem-se objetos pessoais. São situações muito constrangedoras, que podem trazer incómodos sérios. Hoje, perder uma carteira com mil e um documentos é quase um incêndio em casa, uma verdadeira perda de identidade. Esquecer as chaves e ficar na rua, sujeito a ter de chamar a Polícia e os Bombeiros para arrombar a própria residência, é uma terrível dor de cabeça. Não são coisas que se recomendem.

Porém, há também uma versão benévola destes lapsos de memória e desatenções. Deveríamos interrogar-nos se, sob a pressão do cansaço, não faltaremos frequentemente a compromissos pouco relevantes, ou a que não quereríamos, no nosso íntimo, comparecer. Alguns certamente serão maçadorias, outros de mera sociabilidade fátua. Com as coisas, os objetos, algumas perdas podem ser um drama.

Além da carteira, das chaves, do telemóvel, aquele chapéu ou aquela *écharpe* ou cachecol que ficavam tão bem, aquele guarda-chuva tão elegante, aquele cachimbo cómodo de sempre, aquela caneta que é a nossa *longa manus*, lindas e queridas joias de família, colares, brincos, etc., há múltiplas coisas que, uma vez perdidas, deixam nas pessoas um sentimento acabrunhador, até de privação.

Mas há perdas felizes. Desde logo, o sapato perdido da Gata Borracheira. Mas não é assim tão comum perder sapatos, será?

Refiro-me, nessa tese da felicidade da perda, às perdas que libertam. Mesmo de coisas de que muito gostávamos. Só entenderá, certamente, quem por isso passou. É um processo, reconheço, algo estranho, contraditório. Mas a verdade é que crescemos e nos independentizamos quando aprendemos a viver sem coisas importantes que, afinal, noutra visão das coisas, “decidiram abandonar-nos”. Há quem ache que essa habituação à perda é uma espécie de *aprender a morrer* que, como se sabe, é uma das grandes definições da Filosofia.

E depois, há aquele cansaço dormente e embalador que normalmente surge depois do dever cumprido. De uma corrida em que se vence, de um jogo ganho, de uma tarefa árdua, laboriosa e longa finalmente completada. As pessoas que têm mesmo férias (talvez cada vez menos pessoas as tenham) devem sentir esse cansaço quando se aproximam do “merecido descanso” na véspera desse intervalo. Admito que haja quem, tendo-o experimentado, lhe tem saudades, por andar em trabalho cansativo

ininterrupto, e não o ter voltado a sentir. Mas até que ponto são saudades dele ou do descanso? Talvez até de ambos. Porque há também quem goste da sede que permite um ulterior dessedentar-se, regaladamente, com uma cerveja ou um refrigerante (ou, melhor e supremamente, água fresca ou chá) que, nessa situação, têm um sabor divino, totalmente transfigurado.

Não é necessário antegozar o descanso das férias. Qualquer pessoa pode sentir esse antegosto do descanso quando, por exemplo, depois de um dia extenuante, sente que tem mesmo de ir dormir (ou tentar dormir – porque a excitação do muito cansaço também por vezes cria insónia...).

O cansaço, pois, que tem uma versão extenuante e que parece até confiscar-nos a alma, o cansaço de puro esvaimento, que se assemelha a ter-se perdido todo o sangue, que nos transforma em mortos-vivos arrastando um corpo que não conseguimos aguentar e uma mente que sentimos esvaziada (e daí talvez também uma certa sensação de anestesia ou sonambulismo), tem como contrapartida esse outro cansaço dolente que parece antecâmara do repouso com que se retemperarão as forças. E esse último tipo de cansaço, prelúdio do seu próprio desaparecimento, é, física e psicologicamente, uma doce e calma promessa de recuperação das forças. Nos tubos de ensaio (ou retortas, se preferirmos) do corpo, o sangue imaginário, a seiva vital, volta a subir o seu nível...

De qualquer forma, enquanto dura o cansaço, nas suas diferentes versões e intensidades, é um excelente “auxiliar” orientador da vida, afinal um feliz constrangimento.

Alguém ficou convencido com este interlúdio? Eu despertei um pouco, um tudo-nada, com a boa ação de justificar o injustificável, animado por excelentes intenções. Mas é sol de pouca dura. Estou de novo cansadíssimo.

VI. Pelo Diálogo, pela Reconciliação e pela Paz

Havia tanto a dizer, tanto a tentar justificar, tanto, sim, também, decerto, a pedir desculpa? Porque embora não tenha a lógica predatória inscrita no meu ADN, e sempre tenha procurado formar-me numa ética contrária a ela, neste meu sonambulismo, no meu cansaço abúlico para tudo o que não seja incessante trabalho, é óbvio que esqueci muitas vezes o que deveria fazer e dizer, e necessariamente pequei, por pensamentos, palavras e (julgo que felizmente – mas não sei os pesos relativos na dosimetria do pecado) mais omissões que atos, creio eu.

As omissões podem ser apenas demoras, ou demoras que (quantas vezes sem querer) se tornam factos consumados negativos. Não sou um procrastinador, mas ter muito que fazer necessariamente implica que lá ficará, no meio de um enorme rol, algum e-mail não esquecido, mas adormecido pelo caminho... A verdade é que tudo isso também poderá ter sido (se o foi) fruto de ponderar frequentemente, e durante muito tempo (demasiado, por vezes, lamentavelmente) os prós- e os contras. Mas não é sequer indecisão, é (pelo menos frequentemente) prudência e atenção, que implica atentar com calma e critério nos dados de facto em presença. Como se pode alguém lançar para o desconhecido da decisão x ou y sem pesar e sem conhecer a realidade com que se lida? Pura temeridade! Há quem tenha sorte, mas creio que mais há quem tenha nem sequer se pode dizer azar, mas a normal consequência da precipitação: más consequências. Contudo, alegue-se em meu abono, uma vez decidido, tenho pavor de

voltar atrás ao tormento da dúvida. Sigo em frente, de forma inflexível, que é também uma autodefesa. Já ponderei o suficiente.

As coisas não são simples... Por vezes, pergunto-me se não poderia, num caso excepcional, voltar a trás. Creio que sim, precisamente num caso excepcional.

Um dia, quando eu saía (antes da Peste), num almoço com um amigo advogado (grande amigo de infância), calhou de falarmos de decisões irrevogáveis. E deliciei-me por lhe ter dado ensejo para ele brilhar. Tinha eu em mente aquela máxima comum “o juiz decide, está decidido”. Mas ele explicou-me que não é sempre assim, em casos excepcionais. Como nos recursos de revisão extraordinária de sentenças, quebrando o caso julgado (*res judicata*), e para que a Justiça (ou outro grande valor) possa ainda ser feita. Apenas que, por exemplo no que chamou, salvo erro, “revisões de sentença penal”, será necessário que concorram elementos ponderosos e taxativamente determinados pela lei. Explicou-me que não é fácil que ocorram. Há uma verificação muito detida e criteriosa.

Pessoalmente, é óbvio que nunca redigi (nem tenho fixa em mente) uma “lei pessoal” sobre isso. E não me lembro de grandes mudanças de posição, salvo uma, e regeneradora: tinha cortado relações com um colega estrangeiro, crendo que fizera bem; um outro, veio, anos depois, por ele interceder. Ponderei, e reatei a amizade interrompida, e hoje somos bons amigos, tendo sido apagado o episódio que levava à rutura. Tive sorte.

O importante é uma pessoa não ser rígida, cristalizada, empedernida. Isso pode artificialmente sufocar dúvidas. Mas é um peso na alma e uma grande limitação da existência. Não somos infalíveis, os nossos vereditos não devem ser eternos, sobretudo se forem condenatórios. Contudo, é evidente que há, por exemplo, pessoas indesejáveis (por exemplo, os vampiros de alma, de espírito, de ideias, de tempo...) que precisamos, para nossa própria sanidade, de banir do nosso convívio. Quando vejo alguns amigos parasitados por pessoas tão nefastas, tão negativas, tão abusadoras acho que precisariam urgentemente de um amuleto mágico que afastasse essas criaturas infelizes que fazem a infelicidade dos outros, que endossam infelicidade e tentam absorver aquilo a que a língua da nova era, já corrente, chamará, decerto “energias positivas”. Creio que nessa osmose ficam ambos mal. Uma coisa é a solidariedade, o dar a mão a alguém para que se levante, etc. Outra deixar que tomem conta da nossa vida numa permanente dependência e obviamente sem grandes efeitos, porque parece haver deficitários por natureza. Sim, os mais normais ainda são os que sempre pedem dinheiro emprestado. Graves são os que roubam tempo e alma. Alongo-me nisto porque conheço pessoas indefesas contra uns e contra outros, e que julgam que, com essa sua ação (em boa medida auto lesiva) conquistam o seu lugar no Céu. Acho bem que não.

Voltemos às questões da decisão entre os intelectuais (não há forma de me negar enquanto tal). Estou em crer que a inflexibilidade, a rigidez, a teimosia mesmo (e a radicalidade) de posições em muitos intelectuais, desta ou daquela banda, decorrerão de que, no fundo, eles ainda serão assaltados por dúvidas depois de terem decidido. E traçam caminhos de dureza e fanatismo até para não cederem a esses fantasmas, que poderiam ser confundidos com insegurança, inconsistência, incoerência. Creonte, na versão de Jean Anouilh de *Antígona*, é um desses intelectuais que segue a vida da “mão dura” para pretensamente consolidar o seu recente poder, e decerto tem medo de vacilar. No meu caso, espero que uma decisão seja sempre ela mesma dúctil, aberta, dialogante. E se há essa dificuldade (creio que natural) em voltar de novo ao labor difícil da decisão, também não há qualquer obstáculo em dar a mão à palmatória, a reconhecer o erro e a infletir caminho.

Mas decerto, realmente, alguns me apontarão muitas e por vezes consideráveis faltas que, porém, reivindico como meramente involuntárias. Pelo menos aos olhos desses eventuais acusadores, naturalmente de índole rigorista (ou, valha a verdade, mais julgando *pro domo*), espero vir a obter alguma absolvição.

Não a espero para mim apenas, mas na verdade para todos. Eu sou apenas um exemplo de muitos... Todos carregamos culpas, porque todos somos humanos, e por isso erramos (*errare humanum est; perseverare é que é diabólico*). Tal não significa um laxismo conformado com o erro (aliás, aqui pode sempre introduzir-se um relativismo corrosivo: “afinal, o que é o erro?” Perguntará, sardónico, um diabinho tão oportuno para tantos). Deve combater-se o erro, mas deve dar-se paz a quem errou...

Sem mútua absolvição, geral, universal perdão, sem desculpas sinceras entre as pessoas, sem compreensão, sem reconciliação (que começa por si mesmo), não poderá haver Paz. E talvez nem seja necessário, nalguns casos, muito diálogo, para que as feridas não sejam revolvidas e possam, por isso, não sarar tão facilmente.

Caiu-me nas mãos, quiçá trazido por anjos bibliotecários, um livrinho de Anselm Grün, *Die Beichte: Feier der Versöhnung*, que da simples confissão autocrítica e eventualmente auto / hétero flageladora se eleva: adentrando-se pelos mistérios das curas profundas da culpabilização e dirigindo-se para o apaziguamento da reconciliação, caminho de Paz interior e exterior.

VII. Onde está a Felicidade?

Quem eventualmente receba esta garrafa de naufrago no oceano da vida, não fique com pena de mim, não há qualquer razão para isso. Vou resistindo, sempre. É da minha natureza. Aliás, a simpatia e até alguma empatia podem ser enganadoras. Pense por si, analise e decida. As minhas posições são matizadas, aliás...

Por exemplo: creio que, afinal, talvez os gurus tenham um pouco de razão, e a única felicidade possível seja renunciar à transformação do mundo e dos outros. *Traten otros del gobierno, del mundo y sus monarquias*, dizia Luís de Gôngora. Sim. Conquanto se consiga criar à sua volta um microcosmos social ameno, harmónico, compreensivo, em paz. Conquanto se possa cultivar o seu jardim. Há quem assevere que tal é impossível (como Julien Freund), que tudo são amigos ou inimigos (Carl Schmitt). Um professor pacifista francês disse (em plena discussão da tese de doutoramento do próprio Julien Freund) que, a ser assim, só lhe restaria o suicídio, que Camus veio a asseverar ser o único problema filosófico sério (no *Mito de Sísifo*). Pelo contrário, a solução do autor da *Peste* parece-me preferível. Ainda que sendo sísifos, é necessário imaginarmo-nos felizes, mesmo enquanto tais. Mas iria mais longe: não basta a imaginação, é preciso um esforço real, concreto. Muitos cuidam estar a fazê-lo desesperadamente, fazendo das fraquezas forças, e criando o deserto à sua volta (uma espécie de eucaliptos sociais), mas rumam no sentido contrário, e o mundo da felicidade não é redondo. Por isso só se afastam do objetivo.

Quem sou eu para dar lições? Certamente, em muito boa medida, é a mim mesmo que crítico, é para mim próprio que predico. Nisso também não sou original, porém.

Volto ao trabalho. Ele é, realmente, sobrevivência, para muitos. Única boia de salvação para quem só se tem a ele. Só contradições. Mas sabemos que há quem não tenha mais que ele... Felizmente, se estou a esbracejar neste momento, para não ser engolido pela maré, é porque acredito (Sísifo imaginador?) que, nesta nuvem cinzenta em que vivo, ao arrepio dos paraísos artificiais que a sociedade do espetáculo e do

consumo nos pretendem vender, algures haverá ainda reservas de felicidade antiga e promessas de felicidade futura. Como teimamos em ter Esperança, mesmo depois que Pandora espalhou todos os males pelo mundo!

Sim, leitor, leitora, sê feliz, procura a felicidade, pelas formas benévolas de relacionamento com os outros (os vários “amores” de que fala C. S. Lewis). Como dizia Agostinho de Hipona, *dilatentur spacia caritatis*. E não se trata de uma “caridadezinha” para limpar a consciência. É mesmo Amor.

Procuremos, na fraternidade, na afeição, na paz, na concórdia, na concreta solidariedade. Os que a conseguem ainda procurar, com a esperança dos jovens, na caracterização que deles faz Aristóteles, na *Retórica*. O que tem de bom o olhar o mundo, como estou a fazer, com olhar desenganado, é que “o desengano tem virtude e força para arrancar da formosura o véu caduco e mentiroso, de que o teatro se compõe”, como lucidamente escreveu o autor das *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens*.

De tudo isto decorre que será útil moderar a esperança ingénua com a prevenção cauta. E cada um tem a sua função. A minha, neste momento, já não pode ser de maratonista, nem de rematador, mas de treinador de longo curso. Só que, como se sabe, só quando o discípulo está pronto é que o mestre o pode estar. Muitos me chamaram e chamam mestre, mas quantos discípulos terei tido? Quantos poderei vir ainda a ter? Mas, na verdade, isso realmente interessa? O que interessa é que as pessoas encontrem o seu caminho, o seu bom caminho. O caminho da sua felicidade e da felicidade geral, a possível, pelo menos, num caso e no outro.

Voltemos, pois, à felicidade. Não vale a pena procurá-la debaixo do soalho, a ver se lá se encontra um tesouro, como no romance de Camilo Castelo Branco. Não é provável que aí a encontres. E assim como esta receita não funciona, talvez seja de ir ao inventário das que igualmente saíram goradas (a Literatura, o Cinema, são fontes inesgotáveis de relações desses desaires), para evitar novas sendas que são caminhos que levam a parte nenhuma (*Holzwege*), ou mesmo maus caminhos. O *Cântico Negro*, de José Régio, é o que posso apenas prometer-te, na senda da Felicidade, ou, simplesmente, mais modestamente, de alguma razoabilidade para o nosso Mundo, no nosso Tempo: “Não sei por onde vou, / Não sei para onde vou / Sei que não vou por aí!”. Não te peço, pois, que venhas comigo, embora gostasse de ter boa companhia...”.

Recebido para publicação em 25-11-21; aceito em 29-11-21